

A SUBSTITUIÇÃO DA PALAVRA *SIM* EM RESPOSTAS AFIRMATIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO DESCRITIVO PARA APLICABILIDADE NO ENSINO DE PL2E

Ana Rosa de Sá DONADIO²⁴

RESUMO

Neste trabalho vamos identificar e descrever as diferentes formas de afirmação usadas pelos brasileiros, variando os grupos sociais e as situações comunicativas, para auxiliar o aprendizado do aluno estrangeiro de língua portuguesa. Cada língua possui seus rituais e particularidades. Sabemos que, nem sempre, as frases construídas, seguindo corretamente as normas da gramática tradicional, são as mais eficazes para atender às intenções de comunicação. A escolha de elementos e mecanismos linguísticos adequados e alternativos à palavra *sim*, quando se quer dar uma resposta afirmativa em português no Brasil pode não ser fácil para o aluno estrangeiro. A dificuldade no aprendizado de um idioma vem das diferenças da cultura e dos costumes locais onde a língua está inserida. Portanto a adequação ou não do uso da palavra de afirmação *sim*, comum a todos os idiomas, como resposta afirmativa, torna-se uma questão a ser levantada no ensino de PL2E. A utilização da palavra *sim* entre os brasileiros é pouco comum nas respostas afirmativas. Fatores extralinguísticos como o contexto onde estão inseridos os interactantes, suas posições sociais, seus níveis de escolaridade, idade, etc., vão influenciar as escolhas dos elementos linguísticos adequados. Este trabalho tem por objetivo identificar, descrever e analisar as várias situações de comunicação onde encontramos respostas afirmativas. Para isso, foram transcritos diálogos encontrados em filmes de longa metragem brasileiros onde se constata o não frequente uso do *sim*. Nesta pesquisa, abordamos a importância de trazer para sala de aula tais variações de estratégias de afirmação usadas pelos brasileiros, com alternâncias entre grupos sociais e situações comunicativas o que contribui para o processo de aprendizado do aluno de PL2E.

PALAVRAS-CHAVE: Interculturalismo; Resposta afirmativa; Português para estrangeiros

24 PUC-RIO, Departamento de Letras, Rua Marquês de São Vicente, 96, apt603– Gávea. CEP: 22451-040 – Rio de Janeiro - RJ, Brasil. E-mail: arndnd@yahoo.com.br

1. Introdução

A proposta desta pesquisa é identificar e descrever as diferentes formas de afirmação usadas pelos brasileiros, variando os grupos sociais e as situações comunicativas, para auxiliar o aprendizado do aluno estrangeiro de língua portuguesa.

Cada língua possui seus rituais e particularidades. Sabemos que, no português falado no Brasil é comum o não uso dos itens lexicais com seu significado próprio. Outras estratégias discursivas, muitas vezes, são mais eficazes para atender às intenções de comunicação. A escolha de elementos e mecanismos linguísticos adequados e alternativos à palavra *sim*, quando se quer dar uma resposta afirmativa em português no Brasil pode não ser fácil para o aluno estrangeiro. A dificuldade no aprendizado para um aluno estrangeiro vem das diferenças da cultura e dos costumes locais onde a língua está inserida. Para se chegar a uma competência comunicativa em um idioma, não basta o conhecimento dos códigos e estruturas. Faz-se necessária a adequação desses códigos às diferentes situações interacionais. Portanto, a escolha ou não do uso da palavra de afirmação *sim*, comum a todos os idiomas, como resposta afirmativa, torna-se uma questão a ser levantada no ensino de PL2E.

Este trabalho tem por objetivo identificar, descrever e analisar várias situações de comunicação onde encontramos respostas afirmativas. Vamos destacar as formas encontradas, analisar seus contextos e justificar o seus usos. Exemplificando, assim, quais palavras ou expressões que melhor se adequam a estes eventos comunicativos, alternativas à palavra *sim*.

O português brasileiro é uma língua situacional, isto é, sua construção e entendimento estão fortemente marcados pelo contexto do ato comunicativo.

Na forma oral, vários são os componentes não verbais, como entonação, situação de formalidade, ou não, em que ocorre a fala, gênero, idade e grau de interação, que concorrem para a escolha das palavras e formas usadas pelos interactantes.

A não escolha do *sim* como resposta positiva parece óbvia para o falante nativo de português. Normalmente, retomamos o verbo da frase da pergunta como forma de afirmação. Ou usamos os chamados vocábulos expressivos (Almeida, 2006) ou sons significativos, por exemplo, *hã hã* (Freitas, 2000), que não têm valor semântico próprio, a não ser quando inseridos em um contexto conversacional.

(...) se se perguntar a um falante nativo do português, não linguista, “como se responde afirmativamente em português?”, ele muito provavelmente dirá “com a palavra *sim*”,

apesar de não ser isto, absolutamente, o que ele faz. Esta atitude demonstra, por outro lado, que o falante não nativo certamente será entendido se usar o *sim* como resposta curta afirmativa; mas ficará também clara a sua falta de intimidade com a língua. (MEYER, R. M. DE B., 1998)

Faz-se necessário, portanto, a identificação nos diálogos transcritos das opções por tal ou qual forma de afirmação, e em que contexto se realizam.

2. Pressupostos teóricos

Vamos basear este trabalho nos conceitos da Sociolinguística Interacional. Mais especificamente nas teorias que Goffman (1967) desenvolveu sobre a análise da fala espontânea em interações face a face. Em seu ensaio “On Face Work” (1967), Goffman afirma que cada indivíduo está imbuído de uma face: um valor social que atribui a si mesmo quando interage com outros indivíduos. Este valor social está condicionado às noções de cortesia, deferência, discrição, parcimônia, escusas, etc. Nas interações comunicativas, os indivíduos buscam preservar estes valores e proteger sua face e a de seu interlocutor. A Sociolinguística Interacional também teoriza sobre os vários fatores e condições presentes para a realização do ato comunicativo. Leva em consideração a idade, o gênero dos falantes, assim como, o grau de proximidade/distanciamento e a relação de poder que existe entre eles. Além do contexto de formalidade/informalidade onde estão inseridos no momento do evento comunicativo, e também o estado emocional destes falantes.

2.1. Polidez

A escolha de uma forma afirmativa pode ser balizada pelo desejo de proteção da face do falante e /ou do ouvinte. Para tanto, pode-se fazer valer das estratégias de polidez. A polidez é um valor sociocultural aprendido. É um comportamento que independe dos desejos e escolhas pessoais, como afirma Oliveira, M. do C. L., no texto *Polidez e Interação*, In: Caldas-Coulthard, C. R. & Scliar-Cabral, L. *Desvendando discursos. Conceitos Básicos*, 2008. Ainda neste texto: “A obrigação do uso de formas e fórmulas de polidez é um meio de controlar a vulnerabilidade. O uso das “fórmulas” de polidez pode tornar vulnerável a proteção à face”.

Temos com Brown e Levinson (1987) a teorização deste conceito: o uso das estratégias de polidez como forma de evitar conflitos, preservar a face e manter a harmonia interacional. Estas estratégias podem determinar a escolha dos atos de fala usados na situação comunicativa. Elas podem ser estratégias positivas, onde o interlocutor/ouvinte é aceito, aprovado, enaltecido ou estratégias de polidez negativas, onde não há uma imposição nem ameaça explícita aos falantes. Os contextos culturais também vão determinar os significados dos recursos linguísticos escolhidos para expressar polidez.

2.2. Atos de Fala

Os conceitos da teoria dos atos de fala que levam em consideração tanto as formas linguísticas empregadas como o conjunto das condições que determinaram tal escolha. Para Austin (1970) “dizer é transmitir informações, mas é também (e, sobretudo) uma forma de agir sobre o interlocutor e sobre o mundo circundante”. São as ações humanas que se realizam através da linguagem. No nosso estudo, veremos as ações resultantes a partir das escolhas pelos interlocutores das estruturas linguísticas das suas respostas afirmativas.

Searle (1981) conceituou os atos de fala em três níveis: locucionário, onde vemos a escolha da sequência de palavras que vão constituir as frases emitidas em sua estrutura fonética, sintática e semântica; o nível ilocucionário onde está presente a manifestação da intenção do falante, de como suas palavras devem ser entendidas, seja um pedido, uma ordem, uma promessa, uma afirmação, etc; e o nível perlocucionário, o efeito, a consequência que o ato produz no ouvinte.

2.3. Ambiente Sociocultural

Os padrões socioculturais seguidos pelos interactantes vão balizar seu comportamento e os enunciados de afirmação por eles produzidos. O português falado no Brasil está inserido num ambiente de cultura de Alto Contexto (Hall,1998). Assim, o ambiente em torno do ato comunicativo tem muito mais relevância do que as palavras usadas nos enunciados propriamente ditos. A indiretividade é uma característica marcante no nosso idioma. Essa indiretividade gera ambiguidades e dificuldades no entendimento do estrangeiro que não esteja familiarizado com a nossa cultura. A

competência linguística está fortemente associada à competência cultural. Assim também ocorre com as respostas afirmativas. O falante nativo, muitas vezes, não se dá conta que comumente não utiliza *sim* em suas conversas.

3. Metodologia

Adotamos nessa pesquisa uma metodologia de base qualitativa. O corpus foi construído com dados colhidos em dois filmes de longa-metragem produzidos no Brasil: *Apenas o Fim*, 2009, direção de Matheus Souza e *Era Uma Vez*, 2008, direção de Breno Silveira.

Os dois têm como cenário a zona sul do Rio de Janeiro, nos anos de 2008/9. A maior parte dos diálogos dos filmes se dá entre jovens na faixa dos 20 a 30 anos de idade.

Sinopse do filme *Apenas o Fim*:

O filme se passa no campus de uma universidade no Rio de Janeiro. Casal de namorados, estudantes, na faixa dos 20 anos de idade, conversa sobre seu relacionamento e possível rompimento. A namorada (aqui chamada de Ela ou E) de Antônio (Tom ou T) o procura. Ela conta que pretende fugir de casa para recomeçar a vida em outro lugar. Ele tenta convencê-la do contrário, sem sucesso. Os dois passam a próxima hora juntos relembrando momentos do passado e imaginando o futuro.

(cf: <http://youtu.be/HZ3315NPUI0>)

Sinopse do filme *Era uma Vez*:

Dé (D) mora na favela do Cantagalo, em Ipanema. Filho caçula da empregada doméstica Bernadete. Seu pai é ausente. Dé viu seu irmão do meio Beto ser assassinado por um traficante e Carlão, seu irmão mais velho, ser exilado da favela pelos bandidos. Decidido a não seguir o caminho do crime, Dé trabalha vendendo cachorro quente num quiosque da praia. De lá, ele observa Nina (N), filha única de uma família rica, que mora na Vieira Souto de frente para a orla. Os dois se conhecem e acabam se apaixonando, porém as diferenças entre seus mundos geram diversas críticas e preconceitos velados.

(cf: <http://youtu.be/9HIHbIc9hzc>)

Foram transcritas 59 falas em que identificamos respostas afirmativas em diferentes formas e estruturas linguísticas ou extralinguísticas. Quais estratégias

discursivas são usadas nos enunciados, considerando variáveis como idade, gênero, escolaridade, grau de proximidade dos interactantes e em que situações de comunicação.

A análise será realizada a partir de quatro categorias de expressões afirmativas, a saber: (1) afirmativas com uso de verbos; (2) afirmativas com expressões de intensificação; (3) afirmativas com som significativo; (4) afirmativas com o item lexical *sim*.

Serão apresentados, na análise, os exemplos mais significativos para a compreensão de cada categoria. No entanto, no item anexo deste trabalho, o leitor poderá consultar todos os demais exemplos identificados nos filmes de longa-metragem.

4. Análise dos dados

Neste trabalho, fazemos uma análise interpretativa dos dados colhidos a partir dos diálogos mostrados nos dois filmes. Nos exemplos das falas apresentamos as estratégias discursivas utilizadas pelos personagens e, assim, tentamos reforçar nossa hipótese do uso escasso da palavra *sim* nas respostas afirmativas. Por outro lado, também vamos verificar se o uso deste item lexical está relacionado, em algumas situações, à não afirmação.

4.1. Afirmativas com uso de verbos

Aqui, estão os exemplos em que a resposta afirmativa é formulada pela repetição do verbo da pergunta sem nenhum outro complemento. Nestes casos, a afirmativa se faz sem muita ênfase. Seria uma forma afirmativa "padrão", respeitando os conceitos de preservação da face (Goffman, 1967) e das estratégias de polidez (Brown e Levinson, 1987). Os indivíduos em suas interações sociais usam das estratégias de polidez como proteção de sua própria face e a do outro, numa tentativa de manter positiva sua imagem construída socialmente. Essa forma de repetição do verbo da pergunta como forma de resposta afirmativa foi a mais frequente que encontramos nessa pesquisa.

Exemplo (3)

E – *Você come fruta?*

T – *Como. Como amora desde pequeno.*

No exemplo (48) que vemos transcrito abaixo, a pouca ênfase serve para que Dé disfarce seu entusiasmo ao mostrar que está lendo (propositadamente) o mesmo livro que Nina. Ele tenta transparecer espontaneidade “disfarçando” seu grande entusiasmo em estar conversando com sua amada. E, assim se inicia um vínculo entre os dois.

D – *Também estou lendo um. Olha.*

N – *É o mesmo livro!?*

(48) D – *É.*

Abaixo veremos diálogos onde também foram usados verbos nas respostas afirmativas, porém com uma complementação, explicação ou com o uso de um verbo diferente daquele encontrado na pergunta. O que torna a resposta mais enfática. Há o respeito à face (Goffman, 1967) e o uso de estratégias de polidez (Brown e Levinson, 1987), porém o ato ilocucionário presente na escolha dessa forma mais enfática ganha uma força maior. O ato ilocucionário é a intenção do emissor, o que ele pretende com aquele ato comunicativo (Searle, 1981). As escolhas das estratégias discursivas são feitas de acordo com o objetivo que se pretende com aquela determinada fala.

São eles:

(1) Ela – *Você acha que sabe tudo sobre mim?*

Tom – *Eu não. Acho que não dá pra saber tudo sobre uma pessoa.*

Ela – *Eu sei tudo sobre você!*

A afirmativa é feita com a repetição de quase toda a frase formulada na pergunta. A afirmação se torna enfática e procura gerar certeza e ‘verdade’ no ouvinte.

Encontramos a repetição de grande parte da pergunta para obter uma afirmação enfática, também no exemplo (20) descrito abaixo. A intenção do locutor é transmitir sua concordância, sem deixar dúvida no ouvinte.

(20)T – *Era mau o seu urso?*

E – *Era mau.*

4.2. Afirmativas com expressões de intensificação

Aqui, agrupamos os enunciados que se fazem afirmativos com o uso de expressões reveladoras de processos de maior ou menor intensificação e que podem demonstrar opinião.

4.2.1. Afirmativas com menos intensidade

(6) T – *Pois é.*

Aqui o uso da expressão tira a intensidade da resposta afirmativa e, talvez a relevância da questão para interlocutor, que parece querer trocar de assunto.

(9) T – *Eu odeio. É isso.*

O pronome *isso* é usado com frequência em substituição ao *sim* no pelos falantes brasileiros.

(10) E – *Ela é mais bonita do que eu?*

T – *De leve, assim...*

No exemplo acima, as palavras escolhidas servem como atenuantes à afirmação, em uma clara intenção de preservação da face do interlocutor (Goffman, 1967) e manter a harmonia interacional.

4.2.2. Afirmativas com mais intensidade

Vemos o uso do uso do adjetivo como intensificador da resposta afirmativa, ao mesmo tempo uma evasão da necessidade de uma resposta sincera.

(15) T – *Saberia o que é solidão nos seus dias sem mim?*

E – *Lindo!*

Surfista – *Dé, posso deixar a prancha aí na tua enquanto resolvo uma parada?*

(43) Dé – *Já é.*

S – *Valeu, brou.*

Acima a resposta afirmativa usa uma gíria: *já é*. Este recurso discursivo aproxima os interlocutores deixando claro sua identidade social num ambiente de informalidade, sem hierarquização. No caso, os dois personagens têm a mesma faixa etária, mas são de classes sociais bem distintas. A mesma linguagem os aproxima. O contexto informal permite essa estratégia discursiva que vai facilitar essa interação.

Assim, como no exemplo abaixo, o uso da gíria cria uma proximidade, eliminando uma possível animosidade pelo assédio à namorada do outro rapaz no baile. Preservação da face (Goffman, 1967), estratégia de polidez (Brown e Levinson, 1987) e força interlocutória (Austin, 1980) de não enfrentamento.

D – *Qual é cara! A mina tá comigo.*

Cara – *Da próxima vez coloca uma placa.*

(50) D – *Já é.*

A resposta no enunciado abaixo: **melhor agora**, traz uma conotação de galanteio. Assim, além de uma resposta afirmativa fica bem clara a intenção de sedução do interlocutor. Imaginemos neste contexto, como soaria uma resposta utilizando a palavra **sim**. Ficaria rude e indiferente, e poderia ser interpretado com um valor semântico de não afirmação.

Cacau (amiga de Nina) *Tudo bem?*

(57) Carlão – *Melhor agora.*

(beija a mão de Cacau)

Neste próximo exemplo, a estratégia usada na afirmação foi um adjetivo com uma carga semântica de força e ênfase. A palavra **absoluta** que substitui o **sim** serve para afirmar, além de não deixar margem a dúvidas na resposta, passando confiança e segurança ao interlocutor.

Nina – *Fica aí com sua família.*

Dé – *Tem certeza?*

(58) Nina – *Absoluta! O Galo tá na paz.*

4.3. Afirmativas com uso de som significativo

Neste grupo, organizamos as respostas afirmativas que utilizaram o chamado som significativo (Freitas, 2000). Uma palavra que não tem valor por si só, mas soa como afirmação para os falantes do português do Brasil. Na nossa pesquisa encontramos a expressão **hã hã**, bastante usada como substituição da palavra **sim**.

E – *Eu sei tudo sobre você!*

T – *Ah é?*

(2) E – *Hã hã.*

(16) E – *Eu vou salvar o mundo.*

T – *Vai?*

E – *Hã hã.*

(19) E – *Ontem sonhei que tinha um urso de pelúcia gigante invadindo a cidade, soltando fogo pela boca.*

T – *Sério. Era esse o seu sonho?*

E – *Hã hã.*

4.4. Afirmativas com o item lexical *sim*

Vejamos os três exemplos de diálogos a seguir:

Pai de Nina para Dé – *Eu posso confiar em você?*

(54) Dé – *Pode, sim senhor.*

Dé vai pedir empréstimo numa financeira.

Dé – *Preciso de mais ou menos 700 reais.*

Atendente – *Você tem emprego fixo? Carteira assinada?*

(55) D – *Tenho, sim senhora.*

Toca o telefone

(59) Pai de Nina – *Alô. Sim, ele mesmo. Quem está falando?*

Nos exemplos (54), (55) e (59) vemos um contexto de distanciamento entre os interlocutores. A palavra *sim* aí é usada em seu sentido próprio de afirmação.

Pode-se usar *sim* como um reforço da afirmação (Bomfin, 1998).

Os diálogos também ocorrem seguindo uma formalidade, sendo o exemplo (59) uma conversa ao telefone, onde os interlocutores parecem que nem se conhecem. São contextos situacionais onde não há proximidade entre os interlocutores. Nota-se também uma hierarquia entre eles o que justifica o uso de uma expressão direta e formal. Observamos, assim, como o ambiente sociocultural onde se realizam as interações influem, enormemente, nas escolhas discursivas. A palavra *sim*, aí usada, denota o contexto de formalidade e distanciamento entre os falantes.

4.4.1. Outros usos do *sim*

Aqui, identificamos e classificamos as respostas afirmativas que efetivamente utilizaram a palavra *sim*. Contudo, seu uso não estava ligado a um valor semântico de afirmação. Como vemos:

(18) E – *Você acha que você gostaria de mim se eu não fosse tão complicada?*

T – *Acho que sim* (dando ênfase na palavra *sim*). *Eu acho, gostaria.*

No exemplo acima, apesar de a palavra *sim* estar sendo usada com entonação enfática, ela parece dar a frase um sentido de dúvida, por estar complementando o verbo achar que denota incerteza. O verbo achar aparece duas vezes na resposta seguido do verbo gostar no futuro do pretérito. O enunciado tem um sentido geral de dúvida e a palavra *sim* foi usada como atenuante para não ferir a face do interlocutor (Goffman, 1967). A palavra *sim*, como um item lexical de valor positivo, sugere uma concordância, quando, na verdade, há uma situação de discordância.

(23) E – *Você tem mais alguma coisa pra perguntar?*

T – *Eu tenho. Você escreveu algum bilhete de despedida?*

(24) E – *Sim* (fala baixo, pra dentro, atenuando a resposta negativa). *Eu não cheguei a escrever nada. Mas pensei em alguma coisa do tipo.*

No exemplo (24) a resposta *sim* falada em tom baixo, para dentro, é um atenuante ao verdadeiro sentido do enunciado que é de negação. Os fragmentos abaixo transcritos também realizam situação semelhante do uso do *sim* como “disfarce” de uma resposta não positiva.

Vejamos o próximo diálogo:

N – *Você mora por aqui?*

(46)D – *Moro. Moro, sim* (está mentindo). *Moro ali na Barão da Torre.*

O personagem Dé enfatiza sua resposta com a repetição do verbo e o uso da palavra *sim*. Ele procura neste ato de fala (Austin, 1980) uma maior força na sua intenção de convencer Nina da sua resposta. Pois o fato não é verdade. Dé não mora na Rua Barão da Torre, mas sim na comunidade do Cantagalo. O *sim* tem uma forte marca positiva o que vai auxiliar o falante no convencimento do ouvinte.

Esta forte marca positiva, mesmo quando é usado em uma negação, como vimos no exemplo (24), a intenção da fala é se tornar amigável e atenuar uma possível ameaça à face do interlocutor (Goffman, 1967). Este recurso atenuador também foi usado no exemplo (18) que vimos transcrito acima.

Ao fim desta análise, após a descrição dos variados e diversos enunciados encontrados nessa pesquisa, que podem se realizar como respostas afirmativas no português falado no Brasil, apresentamos nossas considerações finais e conclusão.

5. Considerações Finais

Quem cala consente.

O ato de afirmação em português brasileiro, como observamos neste trabalho, pode ser expresso de formas variadas e alternativas ao item lexical *sim*.

Em nosso contexto sociocultural, uma dessas formas, é a não manifestação oral, o silêncio. A ausência de resposta pode ser entendida, geralmente, como afirmativa. Daí o ditado popular escrito acima.

Em nossa pesquisa, identificamos um fragmento nesta situação de consentimento pelo silêncio no filme **Apenas o Fim**:

Ela – *Você come fruta?*

Tom – *Como. Como amora desde pequeno.*

Ela – *Ah é?*

Tom –... (Em silêncio, consente).

O silêncio, a ausência de resposta expressa oralmente seria uma forma de afirmação implícita. A não manifestação explícita de um ato de fala afirmativo, acompanhada, ou não, de uma “expressão amigável” ou um sorriso, por exemplo, pode ser entendido como *sim*, em nosso idioma.

A título de ilustração, apresentamos, a seguir, o conjunto de exemplos encontrados em toda a análise do corpus, de acordo com cada categoria proposta em nossa pesquisa.

Categoria 1:

Afirmativas com uso de verbo.

Exemplos: (3), (7), (8), (11), (14), (23), (29), (33), (35), (36), (37), (45), (47), (48), (51), (52), (53), (56).

Categoria 2:

Afirmativas com uso de expressões de intensificação.

Exemplos: (6), (9), (10), (15), (21), (22), (30), (32), (40), (42), (43), (50), (57), (58).

Categoria 3:

Afirmativas com uso de sons significativos.

Exemplos: (2), (5), (16), (19), (25), (26), (27), (28), (31), (34), (39).

Categoria 4:

Afirmativas com uso do item lexical *sim*.

Exemplos: (18), (23), (24), (46), (54), (55), (59).

Neste trabalho, foi possível indicar e descrever as estratégias de discurso e escolhas linguísticas para as respostas afirmativas usadas pelos personagens dos filmes e, quais fatores influenciaram estas escolhas.

Nossa pesquisa procurou ressaltar este aspecto do nosso idioma que os falantes nativos aprendem pela interação e prática sociais, de forma, muitas vezes, inconsciente. Procuramos com isso, fornecer mais subsídios para apresentação e compreensão deste tema em sala de aula.

6. Conclusão

Concluimos que, no português do Brasil a resposta afirmativa tende a não se realizar pelo léxico próprio: a palavra *sim*. Esse é um aspecto peculiar de nosso idioma, bem diferente do que ocorre com outras línguas. Essa realização acontece via outras construções sintáticas, a mais comum, a repetição do verbo da pergunta.

Em contextos de informalidade e em grupos sociais homogêneos, seja pela faixa etária, grau de proximidade ou identidade social, são usadas palavras próprias, gírias ou expressões padronizadas. Por exemplo: “*com certeza*”, “*isso*”, “*já é*”, “*óbvio*”. E, ainda, vocábulos sem significado próprio, como “*hã hã*”, este último encontrado com frequência em nosso *corpus*.

É importante ressaltar que a palavra *sim*, em nossa pesquisa, é usada, apenas, em discursos com contexto de formalidade, distanciamento entre os falantes e condição de hierarquia.

Destacamos a forte marca positiva do item lexical *sim*, que serve de atenuante em respostas de cunho negativo. Este artifício se apresenta como estratégia de discurso com clara intenção de proteger a face dos interactantes.

Nosso estudo procura descrever e disponibilizar diversas formas afirmativas presentes em nosso idioma, a fim de auxiliar os aprendizes de PL2E a construir seus discursos em português de maneira coloquial e, assim, aumentar sua capacidade e eficiência comunicativa.

E, mesmo longe de esgotar essa questão, tentamos contribuir para ressaltar a importância deste aspecto do português brasileiro com grande relevância no ensino de PL2E.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, J.L., *How to Do Things with Words*. Oxford: Oxford Univ. Press, 1962
- BROWN, P. & LEVINSON, S. *Politeness Some Universe in Language Usage*. Cambridge: Cambridge Univ., 1987
- BOMFIN, Eneida. *Advérbios*. São Paulo: Ática, 1988: P 5-17
- CECÍLIO, L.A. *Reflexos da diversidade cultural nos atos de fala dos brasileiros e italianos: contribuições para o ensino de português para italo-fonos*. In: MEYER,

R.M.de B., ALBUQUERQUE, A. (org.) Português para estrangeiros: questões interculturais. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2013. P 91-114

FERREIRA, R.L.A. *Teoria dos Atos de Fala: Aspectos Semânticos, Pragmáticos e Normativos*. Relatório final de pesquisa PIBIC. PUC-RJ, 2011.

GOFFMAN, E. *Interactional Ritual Essays on Face to Face Behavior*. New York: Panteon, 1967

MEYER, R.M. de B. *Aspectos Semântico-Discursivos do Português como Língua Estrangeira*. Trabalho apresentado no Simpósio “Português como Língua Estrangeira”, parte da programação da Abralin na reunião da SBPC, Natal, RN, 1998.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite. *Polidez e Interação*. In: CALDAS-COULTHARD, C.R. & SCLIAR-CABRAL, L. *Desvendando Discursos. Conceitos Básicos*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008. P197-224

SEARLE, J.R. *Speech Acts: an Essay in the Philosophy of Language*. London: Cambridge Univ. Press, 1969

SILVA, Gustavo Adolfo Pinheiro da. *Teoria dos Atos de Fala*. In: *Pragmática: a ordem dêitica do discurso*. Rio de Janeiro: ENELIVROS, 2005.

Teses e Dissertações

ALBUQUERQUE, Adriana Ferreira de Sousa de. *A construção dos atos de negar em entrevistas televisivas: uma abordagem interdisciplinar do fenômeno em PLM com aplicabilidade em PLE*; orientadora Rosa Marina de Brito Meyer, PUC-Rio, 2003.

ALMEIDA, Márcia Araújo. *Blá-blá-blá: a presença dos vocábulos expressivos na identidade linguística do brasileiro e sua relevância para o português como segunda língua para estrangeiros (PL2E)*; orientadora Rosa Marina de Brito Meyer, PUC-Rio, 2006.

FREITAS, Beatrice de Araújo. *Os processos de concordância e de discordância no português como L1 e L2: uma perspectiva sistêmico-funcional*; orientadora: Rosa Marina de Brito Meyer, PUC-Rio, 2000.

ANEXO

Enumeramos os exemplos de diálogos na ordem de ocorrência em que aparecem nos filmes.

Apenas O Fim, dirigido por Matheus Souza, 2008.

O filme se passa no campus de uma universidade no Rio de Janeiro. Casal de namorados, estudantes, na faixa dos 20 anos de idade, conversa sobre seu

relacionamento e possível rompimento. A namorada (aqui chamada de Ela ou E) de Antônio (Tom ou T) o procura. Ela conta que pretende fugir de casa para recomeçar a vida em outro lugar. Ele tenta convencê-la do contrário, sem sucesso. Os dois passam a próxima hora juntos relembrando momentos do passado e imaginando o futuro.

(cf: <http://youtu.be/HZ3315NPUI0>)

Interior, quarto deitados conversam.

(1) Ela – Você acha que sabe tudo sobre mim?

Tom – Eu não. Acho que não dá pra saber tudo sobre uma pessoa.

Ela – Eu sei tudo sobre você!

(2) Tom – Ah é?

Ela – Hã hã.

(3) E – Você come fruta?

T – Como. Como amora desde pequeno.

E – Ah é?

(4) T – ... (Em silêncio, consente)

(5) T – Foi no show no Maracanã.

E – Hã hã (risos)

(6) T – Pois é.

Exterior, dia, caminham pelo campus.

(7) E – Lembra aquela vez que você pediu pra minha mãe matar uma aranha?

T – Lembro.

(8) E – Você iria a uma funerária?

T – Eu iria.

(9) T – Eu odeio. É isso.

(10) E – Ela é mais bonita do que eu?

T – De leve, assim...

(11) E – Posso colocar o filme?

T- Pode.

Entra outra pessoa amiga na conversa

(12) Amiga – Como está o casal? Tudo bem?

E – Hã, hã. Tô grávida (irônica).

Continuam os dois pelo campus.

(13) T – Você viu algum filme recentemente?

E – Ah, vi! Meu pai comprou a caixa do Bergman.

(14) E – E sua mãe, tá bem?

T – Tá bem.

(15) T – Saberíamos o que é solidão nos seus dias sem mim?

E – Lindo!

(16) E – Eu vou salvar o mundo.

T - Vai?

E – Hã hã.

(17) E – Eu posso apostar. Você vai fazer isso com umas cinco meninas, não?

T – Pode apostar, aceito.

(18) E – Você acha que você gostaria de mim se eu não fosse tão complicada?

T – Acho que sim (com ênfase). Eu acho, gostaria.

45min.

(19) E – Ontem, sonhei que tinha um urso de pelúcia gigante invadindo a cidade soltando fogo pela boca.

T – Sério. Era esse o seu sonho?

E – Hã hã.

(20) T – Era mau o seu urso?

E – Era mau.

(21) E – Não é piada. É um sonho.

T – Ah! Tá!

E – Não consigo imaginar você matando um urso gigante.

T – Claro que eu consigo. (matar)

(22) E – Eu não suporto a sua mãe.

T – Tudo bem. Ela também não gosta de você.

(23) E – Você tem mais alguma coisa pra perguntar?

T – Eu tenho. Você escreveu algum bilhete de despedida?

(24) E – Sim (fala baixo, pra dentro). Eu não cheguei a escrever nada. Mas pensei em alguma coisa do tipo.

(25) T – Ah é, você pensou?

E – Hã hã.

T – Ah é?! O que a senhorita pensou pra se despedir?

E – Pensei que quando você quiser lembrar de mim, você deve ouvir a última música do seu CD preferido.

(26)T – Quer que eu invente um final pro sonho?

E – Hã hã.

(27) E – Aqui foi onde aconteceu nosso primeiro beijo na faculdade.

T – Sério?

E – Hã hã. Viu? Eu Também lembro esse tipo de coisa. No fundo você que é a farsa. Eu duvido que você lembre dos momentos marcantes.

(28)T – Ah é? Um desafio isso?

E – Hã hã.

(29) T – Então tá. Faz qualquer pergunta que eu respondo. Vai em frente.

E – Tá.

56min

(30)T – O meu vizinho devia estar com problemas. Mas quem não está?

E – Pois é.

(31) E – Você me deu 43 rosas durante nosso relacionamento.

T – 43?

E – Hã hã. Você quer reembolso?

(32) T – Você lembra do dia que você me obrigou a rasgar o cartão do ursinho?

E – Óbvio! (enfática)

(33)T – Você escreveu um bilhete?

E – Escrevi.

(34)T – Ah! Então você mentiu?

E – Hã hã.

(35) E – Posso te contar duas fofocas?

T – Tá. Conta.

(36) E – Tá pronto?

T – Tô.

(37) E – Posso jogar? (o cordão no riacho)

T – Pode.

(38) E - Você realmente achou que agente ia ficar junto pra sempre?

T – É o erro de todo cara como eu que namora uma mulher como você.

(omite a afirmativa, mas concorda)

(39)T – Então é isso? Não dá mais tempo nem para um copo d'água?

E – Hã hã. (40) É isso.

Diálogos do filme **Era uma Vez** de Breno Silveira, 2008.

Ipanema, Rio de Janeiro.

Dé mora na favela do Cantagalo, em Ipanema. Filho caçula da empregada doméstica Bernadete. Seu pai é ausente. Dé viu seu irmão do meio Beto ser assassinado por um traficante e Carlão (Rocco Pitanga), seu irmão mais velho, ser exilado da favela pelos bandidos. Decidido a não seguir o caminho do crime, Dé trabalha vendendo cachorro quente num quiosque da praia. De lá ele observa Nina, filha única de uma família rica, que mora na Vieira Souto de frente para a orla. Os dois se conhecem e acabam se apaixonando, porém as diferenças entre seus mundos geram diversas críticas e preconceitos velados.

(cf: <http://youtu.be/9HIHbIc9hzc>)

Carlão – Vamos dar um mergulho?

Dé – Não posso tô de uniforme da escola.

C – Tá de cueca?

(41) D – Tô.

C – Então vambora.

D – Seu Antônio, tá tarde. Eu levo o senhor pra casa.

(42) Seu Antônio (muito idoso) – Ah. Obrigado.

Surfista – Dé, posso deixar a prancha aí na tua enquanto resolvo uma parada?

(43) Dé – Já é.

S – Valeu, brou.

D – Será que tu podia olhar minha prancha? É que eu vou dar um mergulho, rapidinho.

(44) Nina – (Balança a cabeça afirmativamente de forma discreta) Pode deixar aí.

30min.

À noite, na areia da praia, Nina sentada, Dé se aproxima.

D – Pode (usa o verbo na 3ª pessoa ao invés da 1ª) sentar?

(45) N – Pode. Senta aí.

N – Você mora por aqui?

(46)D – Moro. Moro, sim. Moro ali na Barão da Torre.

D – E aquele livro? Acabou de ler?

N – Que livro?

D – Tu não tava lendo um livro na praia?

(47) N – Tava. Acabei.

D – Também estou lendo um. Olha.

N – É o mesmo livro!?

(48) D – É.

Seu Armando (dono do quiosque) – Taí o dinheiro da semana. Essa semana foi boa mesmo.

(49) D – É. Nem choveu.

D – Qual é cara! A mina tá comigo.

Cara – Da próxima vez coloca uma placa.

(50) D – Já é.

55min.

Porteiro – Entrega é?

(51) Dé – É. Lá pro 3º andar.

Berenice – Onde essa menina mora?

D – Em Ipanema. Na Vieira Souto.

B – Você sabe muito bem o que eu acho.

(52) D – Sei. Mas agora não tem mais jeito.

Pai de Nina – Você está namorando o vendedor de coco. É verdade?

(53) N – É, pai.

Pai para Dé – Eu posso confiar em você?

(54) Dé – Pode, sim senhor.

1h21min

Dé vai pedir empréstimo numa financeira.

Dé – Preciso de mais ou menos 700 reais.

Atendente – Você tem emprego fixo? Carteira assinada?

(55) D – Tenho sim senhora.

Carlão – Tu tá falando sério, *muleque*? Tu vai casar com a princesa?

(56) Dé – Vou. Vou. É o jeito de eu ficar com ela.

Cacau (amiga de Nina) Tudo bem?

(57) Carlão – Melhor agora.

(beija mão de Cacau)

Nina – Fica aí com sua família.

Dé – Tem certeza?

(58) Nina – Absoluta! O Galo tá na paz.

Toca o telefone

(59) Pai de Nina – Alô. Sim, ele mesmo. Quem está falando?